

Desde o fim do *Antigo Regime*, na França, passando pelo *Movimento Anarquista* europeu e pelo *Capitalismo Industrial*, o interesse pelos grupos femininos vêm se desenvolvendo paulatinamente. De forma geral, esses acontecimentos alargaram a fresta aberta de uma janela que permitia contemplar minorias, rejeitar autoridades e pleitear liberdade. Como era de se esperar, aos observadores dessa fresta tocaria a pecha desagradável de incentivadores de desordeiros, sequazes de libertários, ou quiçá libertinos e utópicos.

Muito tempo passou e os estudiosos contemporâneos, felizmente, estão superando preconceitos e entendendo que as pesquisas acerca do feminino tendem a recuperar, numa perspectiva não-tradicional, o valor de homens e mulheres cidadãos que constroem culturas interagindo e cooperando uns com os outros.

Sempre me pareceu equivocado o discurso que nos fazia acreditar que a cultura grega, com sua peculiar grandiosidade intelectual, houvesse banido o *modus operandi* feminino de suas ponderações e decisões. Trabalhando com literatura, por todo exercício de minha profissão, e recorrendo aos documentos escritos, percebia neles, com desconforto, uma confirmação de que a mulher, realmente, não teve voz nem vez no mundo antigo. Contudo, a História é reveladora e foi preciso que o tempo do amadurecimento chegasse para alcançarmos o 'hiper-modernismo' e para percebermos dados que sempre estiveram presentes no mundo e nos textos antigos e que nunca foram objeto de nosso olhar.

Com o desconstrucionismo, o sujeito 'descentrado, múltiplo ou multi-cêntrico', o gosto pela diversidade, heterogeneidade e pluralidade, com a desmitificação do poder

indiviso, a descoberta do poder das margens, da prática da informalidade – sobretudo no Brasil – começamos a perceber que o 'sem registro' é um tipo de poder fortíssimo, porque se dissemina de forma invisível, mutante e itinerante. Agora é mais compreensivo o medo do feminino manifesto no discurso masculino das tragédias Áticas.

Eis aí o mérito do livro de Fábio Lessa. Apoiado em sugestões e propostas de autores como Blundell, Burkert, Buxton, Calame, Certeau, Detienne, Foxhall, Lissarrague, Greimas, Konstan, Lefkowitz, Nevett, Osborne, Redfield e Vernant dentre muitos, Lessa inicia a promissora desconstrução de um discurso idealizado pelos atenienses do *Período Clássico* e corroborado por historiadores de todas as épocas sobre o comportamento feminino. Nosso historiador de nova geração descobriu o óbvio – até então não declarado e camuflado pelo discurso masculinizado da Academia – e o rei ficou nu. O mundo não se faz só por textos. As práticas sociais, o convívio, o ordinário do dia, a cozinha, a farmácia caseira – tudo que habitualmente não é registrado, nem documentado – era vida e ação propulsora de saber na cultura grega.

Agrada-me, acima de tudo, perceber que o discurso masculino abre espaço para ouvir o discurso tão antigo do feminino que não se constitui apenas pelo arquivo produzido, com ortodoxia, por palavras. Tal atitude acadêmica permite a manifestação de descobertas colocadas acima do clichê de tensões e admite que, para além das palavras, há uma fala feminina nas práticas e gestos sociais.

Em um procedimento metodológico rigoroso, Lessa distingue, para sua análise – e esse será seu ponto de partida – o 'político' do

‘cívico’. A sociedade ‘políade’, então, revela-se, sob novo ângulo, a partir do conceito de participação cívica, que possibilita enxergar grupos femininos ativos. Para melhor aprofundamento da questão, o autor priorizou a observação do comportamento das cidadãs, as *mélissai*, as bem-nascidas.

Além desse procedimento, Lessa propõe a utilização do conceito de ‘tática’, desenvolvido por Michel de Certeau, para estudo cuidadoso da inserção cultural amistosa do feminino no ‘terreno inimigo’. Certeau, segundo Lessa, afirma que a ‘tática’ é ‘a arte do fraco’, que se utiliza habilmente das ocasiões e dos jogos que amalgamam as fundações do poder. Pode-se discutir se a ‘tática’ é a arte do fraco ou não, mas é bom notar que Certeau detectou a arte do ‘diferente’, donde se abre a perspectiva para novas investigações.

O homogêneo será minimizado para que se possa esquadriñar o diverso e o plural. Essa atitude acadêmica privilegia o espelhamento, seja ele visto pontualmente – no estudo do objeto propriamente dito, integrante do toucador feminino, conforme Lessa, ao se debruçar sobre o ‘Olhar do espelho’ (pp. 27-33) –, seja o espelho metafórico, que, a partir do discurso masculino, revela reflexos das atividades femininas na *Pólis* ateniense do *Período Clássico*. Por esse ‘espelho’, o autor percorre a atuação feminina na tecelagem, na colheita de frutos e grãos, no gerenciamento do *oikos*, o qual, no meu entender, é o primeiro e mais notável espaço para a construção da imagem social do cidadão bem-nascido, imagem essa que será apresentada publicamente na *ágora*, no *areópago* e na *pnix*.

Entretanto, validar as atividades femininas idealizadas pelo discurso masculino, não seria grande novidade - visto que a linha de pesquisa tradicional vê e afirma a reflexão nesse ‘espelho’ da reclusão e da passividade absoluta das mulheres - não fosse a consideração – muito razoável e cheia de bom senso – de que essas atividades femininas eram ‘ali-

nhavadas’ por conversas, idéias, estratégias e argumentações que estabeleciam uma rede de relações entre pares coesa e articulada o suficiente para possibilitar, por exemplo, a difícil tarefa de organização de festas cívicas femininas incluídas no calendário oficial da cidade de Atenas.

Portanto, o falar feminino se faz pelo igual e pelo diferente em relação ao masculino: igual no uso da escrita (cf. análise do comportamento de Fedra descrito por Eurípides, p. 84-86 do texto de Lessa), diferente no bordado de histórias (cf. Lessa, p. 72-73, comentários acerca do mito de Philomena); igual na tessitura de grupos solidários, diferente nos espaços permitidos para se estabelecer a tessitura; igual na capacidade de gerar redes de informações, diferente nas intenções do estabelecimento dessas redes.

Os capítulos referentes à participação das mulheres no calendário cívico festivo da *Pólis* justificam a inclusão de reflexões interessantes sobre a deusa Atena, patrona das *Panathenéias* (pp.127-153), ocasião em que as mulheres tinham participação imprescindível. Apoiado na obra S. Pomeroy, Lessa adere à concepção de Atena pela complexidade da mistura do masculino e do feminino que o mito enseja e pela consagração da deusa como protetora da *Pólis* e de inúmeros heróis, dentre eles Odisseus. Atena, a mais fiel companheira de Odisseus, é, no meu entender, padroeira do pensamento complexo que lida com ‘táticas’, que penetra ‘o campo de visão do inimigo’, que tira partido ‘de forças que lhe são estranhas’, que ‘combina elementos heterogêneos’, que se constitui pela ‘astúcia e improviso’. Talvez Odisseus possa ser entendido como a síntese intelectual grega, o *alter ego* humano de Atena, aquele que, sendo apenas um dos heróis da *Iliada*, se torna o protagonista de *Odisséia*.

Na seqüência da sua proposta, o historiador aborda o universo fantástico de Aristófanes para, dele, retirar um entendimento

ponderado do cotidiano da Atenas clássica a partir do comentário arguto das peças *Lisistrata*, *Thesmophórias* e *Assembléia de Mulheres*.

Assim, os conceitos de *cívico* e de *tática* – acrescidos de noções basilares para nossa época, as noções de desconstrução, de redes, de lugares de fronteiras e marginalidades – aplicados a três níveis semânticos do discurso (o temático, o figurativo e o axiológico) permitem apreender os textos escritos e imagéticos de forma a registrar o *não-dito*.

Lessa proporciona em *O feminino em Atenas* a compreensão de uma *pólis*, e não só do *oikos*, no entender de M Goldberg, como um lugar de integração e de acolhimento de diferenças e semelhanças.

No meu ponto de vista, o trabalho de Lessa é fruto de nossa época e como tal desvenda a diversidade, a heterogeneidade, a multiplicidade, revela o poder extra-cêntrico e as formas de inserção, intersecção e trânsito até então raramente registradas. No espírito dos historiadores deste século XXI, com o apoio

da semiótica na análise de imagens de vasos, de representações de atividades rotineiras, de observações de passos de danças, olhares e gestos, pela reflexão sobre o peso, o tamanho e o material dos utensílios necessários para o trabalho feminino e, ainda, na análise das relações estabelecidas para o preparo e a realização das festas e rituais políades, o *não-dito*, silenciado por séculos, é resgatado.

Com todas essas qualidades, faço apenas uma ressalva à falta de menção aos tradutores dos textos antigos, a uma revisão cuidadosa do texto que evitasse problemas de digitação, de transliteração do grego e pequenos equívocos que, não obstante, não comprometem o valor da obra. Ademais, esses deslizos podem ser corrigidos facilmente em uma nova edição. Esperamos também que os demais grupos femininos da Atenas Clássica (o das companheiras, concubinas, prostitutas, escravas e sacerdotisas) possam, dentro dessa metodologia, fazer parte de análise semelhante em breve.

VIRGÍNIA RIBEIRO BARBOSA